

PAISAGENS DA MARGEM DIREITA DO RIO BRANCO NO PERÍMETRO URBANO DE BOA VISTA-RR: ESPAÇOS NÃO FORMAIS PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

Francisleile Lima Nascimento¹

Pollyana Fontinelle Vilela²

Maria Dutra Cardoso³

Márcia Teixeira Falcão⁴

Introdução⁵

A escola é um ambiente formal de ensino, e que há outros espaços denominados não formais possíveis de agregar conhecimentos tanto ao educando quanto ao educador, a presente pesquisa visa fazer uma explanação sobre o ensino da Geografia, ressaltando os espaços não formais de educação, apontando dessa forma as possibilidades do uso desses espaços como uma melhor qualidade de aprendizagem dos conteúdos didáticos de Geografia.

Partindo desse princípio a pesquisa busca demonstrar o Rio Branco especificamente na área urbana de Boa Vista-RR como espaço não formais com potencial para o desenvolvimento do ensino de Geografia. Nesse sentido, o problema desta pesquisa parte do seguinte questionamento: O Rio Branco possui potencial como espaço não formal para o ensino de Geografia? Neste sentido, o presente artigo tem como objetivo demonstrar um trecho do Rio Branco na área urbana de Boa Vista-RR como potencial para o desenvolvimento do ensino de Geografia a partir de espaços não formais no desenvolvimento de metodologias e práticas de ensino na disciplina de geografia.

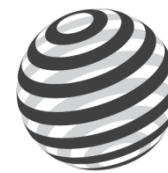
¹ Geógrafa, Especialista e Pós-graduada. Mestre em Desenvolvimento Regional da Amazônia pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Empreendedora Educacional e Professora do Salva Vidas Acadêmico (Suporte Acadêmico e Aulas de Metodologia). E-mail: leile_lima@hotmail.com

² Mestre em Recursos Naturais pela UFRR, Especialista em Geografia com Ênfase no Ensino pela UERR, Educação Inclusiva e em Gestão Escolar pela UGF, Licenciada em Geografia pela UFRR e Licenciada em Pedagogia pela FACETEN. Professora de Geografia na rede privada de ensino. E-mail: pollyanamestrado@gmail.com

³ Especialista em Geografia com Ênfase no Ensino pela UERR, Licenciada em Geografia pela UERR e Bacharela em Administração pela FACETEN, Professora de Geografia na rede pública de ensino em área indígena. E-mail: mdcardoso0707@gmail.com

⁴ Orientadora. Doutora em Biotecnologia e Biodiversidade, Mestre e Especialista em Recursos Naturais, Geógrafa, Docente na Universidade Estadual de Roraima, Pesquisadora e Coordenadora do Departamento do Curso de Geografia da UERR. E-mail: marciafalcao.geog@uerr.edu.br

⁵ Artigo Científico apresentado como requisito obrigatório para conclusão do Curso de Pós-graduação em Especialização em Geografia com Ênfase no Ensino pela Universidade Estadual de Roraima (UERR). A validade da aprovação no curso é identificada após a publicação do TCC em uma Revista Científica com Qualis.



Dessa forma, a pesquisa busca ainda entender de que maneira os espaços não formais contribuem para a aprendizagem dos alunos; Identificando as áreas do Rio Branco relevantes para a aprendizagem de Geografia; Propondo metodologias para o ensino de Geografia nas áreas do Rio Branco; Mapear os espaços não formais no Rio Branco; Conhecer a paisagem da área da margem do Rio Branco no perímetro urbano de Boa Vista-RR; Entender as ações antrópicas existentes na área em estudo; e por fim identificar as transformações ocorridas no lugar e sua ocupação. A metodologia da pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa sendo de natureza exploratória.

O ensino mudou e as práticas docentes necessitam acompanhar essas mudanças. O ensino da geografia precisa sair das quatro paredes da sala de aula e tornar-se mais dinâmico e atraente. Pois às vezes esse ensino se torna muito remoto pelo motivo do professor se prender somente ao ensino dentro da sala de aula, isso acaba fazendo com a aprendizagem dos alunos seja precária, e na maioria das vezes não têm a oportunidade de sair de dentro da sala de aula para estudar a prática dos conteúdos teóricos. Dessa forma, a pesquisa se justifica por buscar conhecer de perto os locais não formais de ensino existente a margem direita do Rio Branco e mostrar as possibilidades compatíveis com as metodologias e práticas de ensino da Geografia.

Diferentes Conceitos de Ensino Formal, não Formal e Informal

As práticas de ensino estão relacionadas com fases dos processos formais, não formais e informais, onde cada uma traz consigo características importantes para aprendizagem do ser humano. A concepção de educação formal é regulamentada e normatizada por leis, aquela recebida na escola, onde se estuda os conteúdos didáticos por disciplinas; a educação informal aquela que os indivíduos aprendem com a família e a não formal é um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, sempre articulando com as duas anteriores (GOHN, 2015).

A definição de espaço não formal de Educação ainda é complexa segundo Jacobucci (2008), embora seja bastante utilizado para definir os lugares onde possa ocorrer a educação não formal. No entanto para chegar a uma definição de espaço não formal faz-se necessário conceituar espaço formal de Educação: "O espaço formal é o espaço escolar [...], com todas as suas dependências: salas de aula, laboratórios, quadras de esportes, biblioteca, pátio, cantina, refeitório" (JACOBUCCI, 2008, p. 56).

Na concepção de Alves *et al.*, (2020) o processo de ensino apresenta três formas: educação escolar formal que diz respeito ao ensino desenvolvido no âmbito escolar; a educação informal que trata do ensino transmitido e repassado pelo convívio familiar e social; e educação não formal que é o ensino que ocorre fora do ambiente escolar, mas que tem a intenção de promover conhecimento como uma extensão da sala de aula.

Já o espaço informal os indivíduos assimilam com família, local onde nascem, religião que praticam ou por meio de pertencimento a uma região, território e classe social (GOHN, 2015). Partindo de determinados conceitos básicos que tratam sobre os espaços formais, não formais e informais de ensino, Vieira (2005, p. 21), salienta que:

[...] educação escolar formal desenvolvida nas escolas; educação informal, transmitida pelos pais, no convívio com amigos, em clubes, teatros, leituras e outros, ou seja, aquela que decorre de processos naturais e espontâneos; e educação não formal, que ocorre quando existe a intenção de determinados sujeitos em criar ou buscar determinados objetivos fora da instituição escola.



A educação não formal pode estar vinculada a espaços públicos, espaços externos da escola, capaz de provocar nos educandos uma melhor absorção dos conteúdos ministrados pelo professor dentro do ambiente formal de ensino.

De acordo com Bezerra e Nascimento (2020) a educação não formal como atividades de caráter intencional voltada às organizações políticas, profissionais, científicas, culturais, agências formativas para grupos sociais, educação cívica, entre outros que visam um ensino em espaço fora do ambiente escolar ou familiar.

Para Jacobucci (2008), os espaços não formais de Educação podem ser divididos em duas categorias: instituições e não instituições. Os primeiros são os que são regulamentados e possuem equipe técnica responsável pelas atividades, como por exemplo, a escola. Os não institucionalizados são ambientes naturais ou urbanos que não têm uma estruturação institucional, mas onde podem ser desenvolvidas atividades educativas.

Dessa forma, Nascimento *et al.*, (2020) mencionam que a educação não formal se trata do ensino ofertado por outras entidades que visam preencher as lacunas deixadas pela escola quando esta não consegue atender a todas as demandas atuais.

No entanto existe uma grande diversidade de espaços não institucionalizados que permitem a aprendizagem, como: rios, lagos, florestas, igarapés, entre outros. E na maioria das vezes esses ambientes com potencial podem estar no entorno da escola, mas passam despercebidos aos olhos dos educadores, vale, portanto, usar da criatividade e explorar esses recursos que estão próximos, assim contribuindo para a formação do aluno.

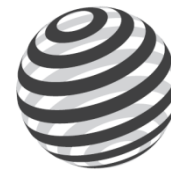
O Ensino de Geografia e a Educação não Formal

A Geografia que se aprende nos espaços formais é aquela estabelecida por lei, onde o educando repassa os conteúdos didáticos para o aluno dentro de uma sala de aula, especificamente dentro do espaço formal de ensino que é o ambiente escolar. Já a educação não formal de ensino, o educando tem oportunidades transpor a sala de aula em buscar de adquirir aprendizagem na prática sobre os conteúdos ministrados no ambiente escolar.

Na educação não formal, as metodologias operadas no processo de aprendizagem parte da cultura dos indivíduos e dos grupos. O método nasce a partir de problematização da vida cotidiana; os conteúdos emergem a partir dos temas que se colocam como necessidades, carências, desafios, obstáculos ou ações empreendedoras a serem realizadas; os conteúdos não são dados a priori. São construídos no processo (GOHN, 2006, p. 31).

O ensino da geografia através da educação não formal faz com que a aluno adquira conhecimento e ao mesmo tempo em que aprende ele acaba ensinando, pois, este estudo ocorre em um ambiente diversificado e dinâmico. O planejamento do ensino de Geografia deve compreender os diferentes níveis de ensino, atender as diferenças, interesses e necessidades dos diversos públicos, “considerando o desenvolvimento intelectual e visando a formação de uma cidadania responsável, consciente e atuante” (PONTUSCHKA, 2002, p. 218).

Neste sentido o estudo da geografia em espaços não formais acaba trazendo para o aluno uma vivência da realidade, uma melhor reflexão acerca dos conteúdos didáticos. Conforme Pontuschka (2002), fornece a compreensão do sistema espacial, capaz de explicar toda organização humana, quer social (construída), que natural.



A educação não formal é um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade. Ela designa um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes, que envolve organizações/instituições, atividades, meios e formas variadas, assim como uma multiplicidade de programas e projetos sociais (GOHN, 2013, p. 16).

Diante deste contexto para ajudar o educando adquirir conhecimento Jacobucci (2008), recomenda o uso de espaços não formais para melhora da aprendizagem. Estes espaços são propícios a educação escolar pois mostra aos discentes estudos relacionados com a sua realidade, inseri nele a capacidade de buscar mais conhecimento sobre determinados conteúdos estudados, uma aprendizagem possibilitando aos indivíduos uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor (GOHN, 2006, p. 28).

O educador tem que buscar estratégias que estimule o aluno, como bem destaca Rego (2011, p. 77), “realizar atividades que envolvam espaços de aprendizagem, dentro e fora da escola, não como um mero observador, mas interagindo e atuando neles”.

Contudo podemos dizer que a educação formal e não formal se complementa, pois uma açoda a sala de aula com os conteúdos teóricos e a outra vislumbra a aplicabilidade destes conteúdos em espaços externos.

Os Conteúdos de Geografia Possíveis de Ensinar em Espaços não Formais

Nos dias atuais ainda vigora o método tradicional de ensino nas escolas, onde o professor é detentor do conhecimento e os alunos se encontram ali a fim de aprender. Diante deste contexto, os conteúdos vão se tornando abstratos e o aluno não consegue adquirir conhecimentos, portanto o educador precisa fazer uso dos conhecimentos científicos, transpondo a sala de aula objetivando uma aprendizagem que fixe na mente do educando, não apenas passando um conteúdo e este memorizando para fazer uma prova e no final não consegue se quer entender o significado dos conteúdos didáticos.

Diante do exposto recorre-se aos conteúdos de Geografia a fim de dar consistência ao presente artigo. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia “quase todos os conteúdos previstos no rol do documento de Meio Ambiente podem ser abordados pelo olhar da Geografia” (BRASIL, 1998, p. 46).

O educando pode vislumbrar os conteúdos didáticos com a aprendizagem em espaços formais, no caso a margem direita do Rio Branco, perímetro urbano. Com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Geografia é possível estudar as questões do Meio Ambiente (poluição, desmatamento, limites para uso dos recursos naturais, sustentabilidade, desperdício). Permitindo o trabalho com a espacialização dos fenômenos geográficos por meio da cartografia nos ambientes não formais de ensino, perpassando pelos conteúdos: poluição ambiental, modo de vida urbano, industrialização, degradação do ambiente (BRASIL, 1998).

O fato de realizar o ensino em espaços não formais, segundo Rego (2011), acaba aguçando a curiosidade e aumentando o envolvimento entre os alunos. Ainda conforme o autor a aprendizagem como processo contempla espaços não formais, possíveis de realizar atividades que envolvam os conteúdos didáticos.

Brasil (1998) afirma que leitura da paisagem é uma abordagem dos conteúdos da Geografia permitindo aos alunos conhecer os processos de construção do espaço geográfico,

reconhecer seus elementos sociais, culturais e naturais e a interação existente entre eles compreendendo como ela está em permanente processo de transformação e como contém múltiplos espaços e tempos. “A leitura da paisagem pode ocorrer de forma direta (pela observação da paisagem de um lugar que os alunos visitaram)”.

Assim, podemos analisar a articulação entre os conteúdos apreendidos teoricamente na escola e a aplicação prática em uma situação do cotidiano, entendendo como espaços de aprendizagem propiciam uma melhor integração entre tais instâncias da sociedade e como criam condições para melhoria da qualidade na educação (REGO, 2011, p. 20).

Conduto fica evidente a importância de espaços não formais de ensino para o ensino de Geografia, partindo do fator compreensão e conscientização da complexa interação dos aspectos físicos, ecológicos, políticos, econômicos e sociais, visando uma qualidade de vida melhor.

Materiais e métodos

Localização geográfica das áreas de pesquisa

Os pontos de paradas para a exposição e discussão dos conteúdos são eles: o início partirá do Terminal Urbano José Campanha Wanderley; seguindo pela Orla Taumanan; posteriormente na Praça do Mirante da cidade Boa Vista-RR.

Figura 01 - Localização Geográfica dos Pontos de Paradas: Terminal Urbano José Campanha Wanderley; Orla Taumanan; e Praça do Mirante da cidade Boa Vista-RR



Fonte: mapa produzido por Adriana de Souza Wanderley. (2019)

Ordem	Fotos dos Espaços Públicos	Áreas de Estudo	Coordenadas Geográficas	Endereço
1		Terminal Urbano José Campanha Wanderley	02° 48' 52" N 60° 40' 11" W	R Barreto Leite, 233 - Centro - Boa Vista, RR - CEP: 69301-310
2		Orla Taumanan	02° 48' 48" N 60° 40' 06" W	R. Floriano Peixoto - Centro, Boa Vista - RR
3		Praça Mirante do	02° 49' 09" N 60° 39' 55" W	Av. Bento Brasil, 503, Centro, Boa Vista - RR

Fonte: produção autoral. (2019)

O público-alvo para essa atividade extraclasse, são alunos no ensino básico (fundamental I e II), ensino médio, e do ensino superior no âmbito da disciplina de geografia.

Ferramentas e procedimentos

A metodologia está fundamentada em autores que trazem uma reflexão sobre a temática em discussão, com fins de embasar os posicionamentos dos autores sem pretensão de apresentar verdades prontas e acabadas, mas na busca de despertar para a necessidade de se repensar novos espaços considerados não formais para a prática do ensino de geografia.

O presente artigo será realizado a margem direita do Rio Branco, precisamente no perímetro urbano de Boa Vista/RR. Configurado como uma pesquisa de caráter qualitativa. Caracterizada como abordagem qualitativa, acrescentado um estudo de caso visando o uso de espaços não formais para o ensino de Geografia. Portanto os procedimentos técnicos parte dos princípios da pesquisa bibliográfica e estudo de caso. Segundo Gil (2007), um estudo de caso pode ser caracterizado por um sistema educativo, que visa estudar determinados locais com aspectos essenciais e característicos para determinadas pesquisas.

Os procedimentos para coletas de dados ocorreram através da observação de possíveis espaços educativos não formais para o ensino de Geografia. Chizzotti (2018 p. 21), enfatiza que "O pesquisador se encontra implicado no processo de observação e constrói as evidências observadas". Buscando descobrir locais propícios para o estudo, observando e descrevendo o Rio Branco como espaço para o ensino de Geografia.

Para o desenvolvimento quanto aos objetivos a pesquisa será exploratória, como relata Gerhardt e Silveira (2009, p. 35), "Este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior

familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”. O pesquisador buscará conhecer de perto os locais não formais de ensino existente a margem do Rio Branco e mostrar as possibilidades compatíveis com as metodologias de ensino da Geografia.

O método definido para este artigo é o hipotético-dedutivo, partindo da tentativa de explicar o problema deste artigo, serão formuladas as hipóteses, procurando as evidências empíricas para comprová-lo ou derrubá-lo (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Resultados e discussão

Recorte histórico e potencialidades de estudo no âmbito geográfico do rio branco, Roraima

O Rio Branco tem sua origem com expedição de Pedro Teixeira ocorrida na década de 30 do século XVII no médio Amazonas nas proximidades do Forte São José do Rio Negro. O rio é chamado pelos indígenas de Queceuene, que posteriormente foi batizado de Rio Branco. O rio é formado por dois afluentes Uraricoera e Tucutu medindo o 45.530 km² (GAUDINO, 2018).

No Rio Uraricoera temos os subafluentes Paricarana, Parim e Amajarí, e no Rio Tacutu temos os afluentes (Cotingo e Surumu). Dessa forma, após a confluência dos rios Uraricoera e Tacutu passa a se chamar Rio Branco no território do estado de Roraima. Os principais afluentes do Rio Branco pela margem direita são os rios Cauame, Mucajáí, Catrimani e Xereuini, e pela margem esquerda os rios Quitauau e Anauá com seu afluente, o Baraúna.

Essa bacia apresenta um período chuvoso (inverno), que vai de abril a setembro, e um período seco (verão), que vai de outubro a março. Atualmente estas condições climáticas não estão se sucedendo corretamente, aparecendo sempre um maior período de estiagem, prolongando o verão até maio. Semelhantes distúrbios climáticos foram observados pelos autores, na região do Baixo Amazonas e Alto Rio Negro.

O Rio Branco é dividido em três seções: a primeira vai de sua foz no Rio Negro à cidade de Caracaráí; a segunda, que é a região encachoeirada, vai de Caracaráí até a sede do Território em Boa Vista; e a terceira de Boa Vista até os seus formadores. No período chuvoso (inverno) o rio é navegável, apesar das dificuldades apresentadas na sua segunda seção (trecho encachoeirado). Todavia no período seco (verão), dependendo do nível da água, há possibilidade de navegação, mesmo com dificuldade, na primeira e terceira seção e não navegável na segunda (trecho Caracaráí-Boa Vista) (SANTOS *et al.*, 1985).

O Rio Branco, na primeira seção, possui uma extensa área inundável (várzea) que no verão pode ser trabalhada com bons resultados para a agricultura de subsistência da região. Já na segunda seção há pouca mata existente, a qual durante a formação do Território do Rio Branco foi sendo substituída gradativamente por pastagem de gado, fomentando uma atividade econômica muito promissora para o estado de Roraima. Quanto aos resultados das análises físico-químicas, a bacia do Rio Branco e seus formadores apresentam rios com relativas concentrações de sais minerais dissolvidos e rios pobres em eletrólitos (SANTOS *et al.*, 1985).

O Rio Branco é um fio condutor de várias práticas que vão povoando as memórias de moradores, percebe-se aí que o rio faz parte da memória dos narradores, pois é parte de experiências vividas, ou na infância, ou por pais e avós, ou até quando adultos. Trazem em suas narrativas a memória do trabalho com a pesca, da lavagem de roupas e banhos no rio. Rememoram enchentes, com as quais não conviveram, mas sobre as quais ouviram seus antepassados falarem e a que viveram, parte de experiências vividas em torno do rio.

Assim constituíram histórias e memórias sobre o rio. Nelas, imagens criadas em torno da gênese urbana, trazem também uma trajetória do “caos” de poluição que encontram as margens do rio.

Relações destes espaços não formais com o estudo da geografia

- Terminal Urbano José Campanha Wanderley

O Terminal Urbano José Campanha Wanderley consiste em um moderno Terminal Urbano (o “Terminal de Ônibus”), situado na Avenida Dr. Sylvio Botelho, no Centro da cidade de Boa Vista batizado com esse nome em homenagem ao senhor José “Nissa” Campanha Waanderley falecido no dia 07 de junho de 1990. A Família Campanha Wanderley tem sua origem em Portugal. Os patriarcas vieram para o Brasil e se instalaram no Nordeste, particularmente no Estado do Maranhão, e constituíram novas famílias. Anos mais tarde, ao saberem das riquezas minerais no solo deste vale do rio Branco, vieram para Boa Vista nos primeiros meses do ano 1900 (PREFEITURA DE BOA VISTA, 2016).

O Terminal de Ônibus começou a ser construído na terceira gestão da prefeita de Boa Vista Teresa Surita, sendo inaugurado em 18 de dezembro de 2006. Atualmente, conta com uma estrutura moderna equipado com *internet wi-fi* gratuita e segurança 24 horas, tornado o local atrativo e seguro para a população que utiliza o transporte coletivo diariamente. O terminal é considerado o mais importante e movimentado da cidade, pois a maioria dos transportes pública coletivos passa por ele ao cruzar a cidade, tendo assim um grande fluxo de passageiros (PIEVE, 2018).

- Orla Taumanan

A cidade de Boa Vista, assim com centenas de cidade amazônicas, nasceu na margem do Rio Branco. O ponto principal que deu origem a capital roraimense é a Orla Taumanan, antigo Porto de Cimento que desde a criação da Vila roraimense passou a compor as primeiras paisagens urbanas da então, cidade de Boa Vista com destaque para a massa vegetal em abundância, algumas edificações e o centro comercial, que formam o acervo histórico dos patrimônios edificadas na capital (MORALES; FERKO; COSTA, 2014).

Segundo Roraima (2015), as massas vegetais, o relevo e os bancos de areia presentes na paisagem do rio Branco têm traços da história da cidade. Dessa forma, tanto o Porto do Cimento, quanto a Intendência, assim como as outras edificações do entorno da Rua Jaime Brasil e Floriano Peixoto, caracterizaram a paisagem antrópica da orla e em conjunto com o Rio Branco, que possuía e possui importância econômica.

A Orla Taumanan é uma grande estrutura suspensa sobre a margem direita do rio Branco, no centro histórico da cidade de Boa Vista, no estado de Roraima considerado como um monumento turístico e histórico que marca a gênese da intervenção humana na região em meados do século XX (MORALES; FERKO; COSTA, 2014).

O local surgiu do uso e ocupação do solo da região caracterizado como um pequeno porto utilizado para atividade de balneário, ancoragem de pequenas embarcações e comércio a beira do rio Branco, criando assim as primeiras conexões com a expansão da malha urbana de Boa Vista. Com o crescimento horizontal da cidade e buscando dar visibilidade à cidade, o local de fluxo de pessoas e ponto de encontro e troca de mercadorias passou a se configurar na Orla Taumanan, construída em 2004 (BATISTA, 2013).

Conforme Lima (2011, p. 72), o local “era um porto simples, em que desciam as embarcações, vindas de outras localidades, servindo como pontos de trocas e vendas de produtos; gêneros alimentícios, roupas e calçados, local onde se tinha acesso às primeiras notícias de outras cidades”.

Entretanto, o governo municipal visando modernizar a região, empreendeu diversas obras, entre elas a criação e modernização do Porto de Cimento que se transformou a partir de 2004 no monumento Orla Taumanan, dando uma nova roupagem, com oferta de serviços e produtos que antes não existiam. O empreendimento modificou a utilização do espaço, preservando os aspectos atrativos culturais que se misturaram aos demais elementos do entorno como a água, criando um contexto novo de olhar neste recorte da cidade. Todavia, cabe ressaltar que a criação da Orla Taumanan levanta pontos de preocupação quanto aos aspectos de preservação do local para as atuais e futuras gerações (MORALES; FERKO; COSTA, 2014).

- Praça do Mirante

A Praça do Mirante é uma extensão do prédio da Prelazia da Ordem dos Padres Beneditinos construída em 1907. O local é considerado um espaço histórico da cidade de Boa Vista, pois o prédio em 1946 chegou a ser sede administrativa do recém-criado Território Federal do Rio Branco, o prédio apresenta característica Barroca e representa a história dos Beneditinos na região e sua ação catequética na cidade de Boa Vista, atualmente o prédio e todo o seu entorno incluindo a Praça do Mirante pertence a diocese de Boa Vista considerado um patrimônio histórico de Roraima (MORALES; FERKO; COSTA, 2014).

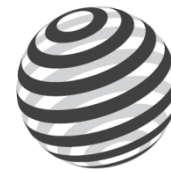
Proposta de Roteiro da Atividade nos Espaços não Formais

Diante do atual cenário da globalização onde o ensino e principalmente a informação tornou-se cada vez mais instantâneo percebe-se que a educação a partir da nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ganha um contexto cada vez mais interdisciplinar e inovador. Partindo desse princípio, o ensino de Geografia abre novos caminhos para um novo ensino, pois vem ganhando novas configurações ao longo dos anos, trazendo em seus conceitos profundas transformações.

Dentro desta conjuntura, a geografia se apresenta como uma disciplina eficaz e imprescindível para a formação crítica do aluno. Pois, o ensino desta ciência possibilitará ao aluno à compreensão do lugar onde vive, pois, a mesma é um saber de caráter estratégico mesmo dentro ou fora escola, neste respaldo passa-o a educá-lo como um cidadão, levando-o a compreensão de um mundo em movimento e em constante transformação fazendo-o entender o seu meio e o mundo globalizado.

A Geografia tem uma importante contribuição para o desenvolvimento de habilidades de seus alunos, como descrever, analisar, argumentar, orientar-se, entre outros. Deste modo, o educador deve estar preparado para estimular e auxiliar o aluno a desenvolver tais habilidades. E a aprendizagem faz com que os alunos tenham um conhecimento amplo sobre tais assuntos relacionados à disciplina. Essa nova configuração leva o ensino geografia ao contexto da educação nos espaços não formais de ensino como os citados acima: O Rio Branco, o Terminal Urbano José Campanha Wanderley, a Orla Taumanan, e a Praça do Mirante na Prelazia.

Nesse contexto são apresentados alguns conteúdos referentes a disciplina de geografia que podem ser abordados nestes espaços não formais, como:



- a) Geografia e História de Roraima;
- b) Aspectos naturais e os problemas ambientais urbanos;
- c) Aspectos socioeconômicos: formação econômica, social e cultural da cidade de Boa Vista.
- d) Migração: fluxos migratórios e formação do núcleo populacional de Boa Vista;
- e) Geografia física: Relevo, clima, vegetação e hidrografia de Roraima;
- f) Geografia urbana: desenvolvimento e ação antrópica na cidade de Boa Vista;
- g) Paisagem: Natural e humanizada, a transformação e uso dos espaços.

Diante desta situação é possível constatar as diversas possibilidades de o docente levar sua turma para realizar uma aprendizagem fora da sala, contextualizando o ensino não formal com o ensino formal.

Considerações finais

Diante do levantamento bibliográfico analisado, a pesquisa evidencia que a partir das perspectivas de ensino inovador, é necessário que o educador esteja apto compreender que o ensino mudou e que o docente precisa levar o educando a uma educação motivacional, ou seja, trabalha a sala de aula e os ambientes externos, buscando didáticas externas que vise uma melhor aprendizagem. Desde modo é importante que o educador de Geografia perpassasse a sala de aula e busque procedimentos para melhoria da aprendizagem no aluno.

Nesse contexto, os espaços não formais de ensino são de suma importância para se adquirir conhecimentos relacionados ao ensino da geografia, por exemplo, na área do perímetro urbano do Rio Branco, onde é possível estudar, entender e aprender a Geografia partindo dos conceitos estudados em sala de aula, conhecendo este espaço geográfico, no qual são desenvolvidas as questões sociais, políticas, econômicas e ambientais. Sendo assim é importante estudar áreas onde seja capaz de adquirir conhecimentos voltados a Geografia, visando uma melhoria para a educação escolar.

Dessa forma, buscando responde ao objetivo de demonstrar o Rio Branco trecho urbano de Boa Vista-RR como potencial para o desenvolvimento do ensino de Geografia a partir de espaços não formais, a pesquisa mostra que o docente referente ao Rio Branco e seu entorno urbano pode desenvolver junto aos seus alunos os conteúdos da Geografia física como: relevo, clima, vegetação e hidrografia de Roraima, além dos fatores sociais, econômicos e culturais que permeiam o rio e a população. Levando o alunado a ter uma visão mais concreta dos conteúdos e contextualizado com sua realidade regional.

Quanto ao objetivo de entender de que maneira os espaços não formais contribuem para a aprendizagem dos alunos, a pesquisa ressalta que a experiência da aula de campo ou visita técnica tem a característica de desmistificar os fatos e quebra o paradigma do ensino tradicional levando o aluno a construir seu saber a partir de suas experiências com o meio, pois os espaços não formais de ensino estão impregnados de informações que se encontram as entrelinhas da aprendizagem.

No que se refere a identificar as áreas do Rio Branco relevantes para a aprendizagem de Geografia, a pesquisa destaca a Orla Taumanan que apresenta um gama de informações a respeito da Geografia e História de Roraima, bem como os aspectos socioeconômicos como a formação econômica, social e cultural da cidade de Boa Vista.

Quanto a propor metodologias para o ensino de Geografia nas áreas do Rio Branco, a pesquisa reafirma que o uso dos espaços não formais possibilita o docente a levar sua turma



para realizar uma aprendizagem fora da sala, contextualizando o ensino não formal com o ensino formal.

No que diz respeito a mapear os espaços não formais no Rio Branco, a pesquisa ressalta o próprio Rio Branco, o Terminal Urbano José Campanha Wanderley, a Orla Taumanan, e a Praça do Mirante na Prelazia, entre outros espaços históricos e culturais que contam por si só a história de Roraima e seu povo.

Quando se trata de conhecer a paisagem da área da margem do Rio Branco no perímetro urbano de Boa Vista-RR, a pesquisa menciona que o docente tem a possibilidade de relacionar os conteúdos de Paisagem: Natural e humanizada, a transformação e uso dos espaços com os espaços não formais levando o aluno a perceber como a paisagem pode se transformar no decorrer do tempo histórico e como essas ações altera o meio natural.

Sendo assim, ao buscar entender as ações antrópicas existentes na área em estudo, fica evidente que os espaços não formais podem oferecer informações sobre os aspectos naturais e os problemas ambientais urbanos, assim como o estudo da Geografia urbana, no que tange ao desenvolvimento e ação antrópica na cidade de Boa Vista, no qual o aluno pode associar a teoria das aulas expositivas à prática.

Dessa forma, ao identificar as transformações ocorridas no lugar e sua ocupação, a pesquisa mostra que ao docente fazer uso dos espaços não formais e associar esses espaços ao conteúdo dos livros didáticos ficará mais fácil aos alunos compreender essas mudanças, pois ao momento que o alunos analisar o processo de migração do estado e entender os fluxos migratórios e a formação do núcleo populacional, o mesmo terá uma concepção real de como esses processos ocorrem e quais seus verdadeiros motivos.

Logo, os espaços não formais para atividades em campo utilizando do saber geográfico será fundamentada em uma metodologia centrada na participação ativa dos alunos, nos processos de aprendizagem, onde os professores serão mediadores, cuja participação será efetivada através da aula expositiva, observação do meio, questionamentos e debate do assunto.

Referências Bibliográficas

ALVES, D. dos S.; NASCIMENTO, F. L.; FALCÃO, M. T.; LIMA, R. C. P. de. Educação em espaços não formais: química e geografia - da sala de aula para o museu de solos de Roraima. **Revista Insignare Scientia**, v. 3, n. 2. mai./ago. 2020

BATISTA, A. N. **Políticas Públicas e Produção do Espaço Urbano de Boa Vista – Roraima (1988-2011)**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista - RR, 2013.

BEZERRA, R. da S.; NASCIMENTO, F. L. Parque Ecológico Bosque dos Papagaios em Boa Vista-RR como espaço público não formal para o ensino de ciências biológicas. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, ano II, vol. 4, n. 12, Boa Vista, 2020.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: **Geografia**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: geografia**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 156 p.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2018.



GERHARDT, T.; SILVEIRA, D. (Orgs.). **Método de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOHN, M. G. (org.) **Educação não formal no campo das artes**. São Paulo: Cortez, 2015

GOHN, M. G. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

GOHN, M. G. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Revista Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 14., n. 50., p. 27-38, 2006.

JACOBUCCI, D. F. C. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. **Em Extensão**, Uberlândia, v. 7., n. 1., p. 55-66. 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/20390>. Acesso em: 04 dez. 2019.

LIMA, M.G.L. de. **As transformações da paisagem do sítio histórico urbano de Boa Vista: um olhar a partir da fotografia**. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MORALES, J.E.daS.; FERKO, G.P.daS.; COSTA, G.G. da. **A reutilização da Orla Taumanan**. Boa Vista – RR. UFRR, Boa Vista - RR, 2014.

NASCIMENTO, F. L.; VILELA, P. F.; CARDOSO, M. D.; FALCÃO, M. T. Educação não formal: cemitério como espaço público para o ensino da Geografia. **Revista Geografia Ensino & Pesquisa**, 24, e 33, 2020. doi:<https://doi.org/10.5902/2236499442796>

PIEVE, E.M.N. **O direito à cidade no espaço urbano: o desafio no deslocamento por transporte público (ônibus) e por transporte alternativo (táxi-lotação) em Boa Vista-RR**. Dissertação (Mestrado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal de Roraima. Linha de pesquisa: Produção do Território Amazônico, Boa Vista-RR, 2018.

PONTUSCHKA, N.; OLIVEIRA, A. (Orgs.). **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2002.

PREFEITURA DE BOA VISTA. **Terminal José Campanha Wanderley completa dez anos com festa**. Portal de Notícias. 2016. Disponível em: <https://boavista.rr.gov.br/noticias/2016/12/terminal-jose-campanha-wanderley-completa-dez-anos-com-festa>. Acesso em: 04 dez. 2019.

REGO, N.; CASTROGIOVANNI, A.; KAERCHER, N. (Orgs.). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Penso, 2011.

RORAIMA. Secretaria do Estado da Cultura. Solicitação de Tombamento do Muro do Rio Branco, subordinado à Prefeitura Municipal de Boa Vista. **Memo. n. 52/2015**. Gabinete do Secretário Adjunto/SECULT, de 27 de agosto de 2015.

SANTOS, U. de M. *et al.* Rios da bacia amazônica II. Os afluentes do rio Branco. **Acta Amazônica**, v. 15., n. 1-2., p. 147-156, 1985.

VIEIRA, V.daS. **Análise de espaços não-formais e sua contribuição para o ensino de ciências**. Rio de Janeiro: IBM, 2005.